



José Lourenço

"I'm a poor lonesome cowboy ..."

A minha infância foi marcada por livros de banda desenhada de sucesso, como o Tintin, Asterix, Black and Mortimer, Michel Vaillant, Lucky Luke e muitos outros.

Guardo de algumas das suas histórias uma memória muito viva, como é o caso desta que serve de base ao texto de hoje: Jesse James, (de Lucky Luke).

Neste álbum, o pistoleiro que dispara mais rápido que a sua própria sombra combate as malfeitorias de um bandido, o famoso Jesse James, que existiu na realidade e que deixou a imagem de um fora-da-lei com grande coração, que tirava aos ricos para dar aos pobres. Os autores pegam nesta reputação para construir esta história, baseada na personalidade de Jesse James e dos seus dois cúmplices, o seu irmão Frank e o seu primo Cole Younger. Se este último tem um aspecto campónio, os irmãos James são, em contrapartida, uma espécie de bandidos intelectuais. Mas este refinamento tem algo de doentio e perverso, principalmente a partir dos primeiros assaltos em que os pobres a quem o dinheiro do saque era entregue começavam a gritar: - "Estou Rico" (o que criava a necessidade de os roubar igualmente). Para resolver a situação, decidiram continuar a roubar os ricos, mas a ficar com o dinheiro, já que o contrário seria contribuir para o aparecimento de novas pessoas a roubar (por se terem tornado ricos).

Frank James, grandiloquente ao máximo, multiplica citações de Shakespeare, enquanto Jesse James encara-se como uma reencarnação do Robin dos Bosques. Cosmo Jim e Fletcher Jones, os detectives desajeitados da agência Pinkerton, fazem lembrar uma famosa parilha de detectives de uma certa banda desenhada belga.

Relacionei este crime em família com a notícia recente:

Médico e farmacêutica julgada por burlas

"...Segundo a decisão instrutória, o médico terá canalizado o aviamento das receitas por si emitidas para

a farmácia da mulher, Maria Fernanda Mendes. O clínico terá feito constar nas receitas "nomes de utentes do Serviço Nacional de Saúde e respectivos números de beneficiários como se tivessem sido por si consultados", alguns dos quais nem estavam inscritos naquela extensão de saúde. O arguido admitiu que prescreve receitas mesmo sem consultar o doente: "Quando algum familiar me pede o medicamento que o utente já está a tomar." Belarmino Mendes explicou também ter sido possíveis serem aviadas receitas passadas enquanto estava internado, pois não tinham data. A mulher também refutou as acusações de ter engendrado um plano com o marido, mas admitiu pessoas com dificuldade de locomoção que lhe pedem para aviar as receitas."

Não sei qual a influência na base desta triste história, mas já agora só mais umas linhas sobre as personagens que merecem o nosso respeito.

Estas últimas (caso real) são mero caso de polícia.

Depois de Tintim e de Asterix, Lucky Luke é a série mais popular e a mais vendida entre o género na Europa. Em muitos álbuns, Lucky Luke encontra-se com heróis não fictícios do Velho Oeste como Calamity Jane, Billy The Kid, Jesse James ou Roy Bean entre outros.

Parte parodia, parte tributo ao mítico Oeste Selvagem, os álbuns foram ilustrados pelo belga Morris, aliás, Maurice de Bévère, em 1946 (1923-2001). O guião das primeiras edições da série é da autoria de René Goscinny (1926-1977), famoso criador de Asterix. Após a morte de Goscinny, vários se alternaram na tarefa de criar guiões para os novos álbuns

Lucky Luke caracterizou-se por ter sempre ao canto da boca um cigarro, mas a partir de 1983 Morris decidiu substituir o mesmo por uma palha, o que lhe valeu o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde (OMS), recebendo a 7 de Abril de 1988 em Genebra uma medalha, pelas jornadas mundiais sem tabaco. 